FORUM 51, 2016, Pág. 95-102

# mais tarde

José Manuel Mendes*

arrepio este: sobressalto,
futurível.
quero dizer cingido a uma ferramenta de emoção.
quem concebeu afogueou na harmonia e subtileza esculpiu as notas que percutem se não mesmo invadem
os lugares da nossa intimidade desprevenida? quem no xisto encontrou os versos?
viagem água amanhecer novo tempo e já memória margem ramo de astros todo o destino é partir.
(a flor e o labirinto de lexemas assim: todo o sentido se restaura e infixa subjectiviza na interlocução,
interautoria portanto.)

caminho "em silêncio ao longo da praia do mar marulhante" (homero, frederico lourenço). desde o primeiro transe a tocar a estrela que foge: para sempre na alvura original da ilíada. e todavia sento-me numa das cadeiras do salão medieval, ali ao largo do paço. não tardo no destino dos navios: ilimite e âncora,

* Escritor. Membro do Conselho Cultural.

perecibilidade. esplendor de cada um dos sulcos
do possível. um ecrã, nele o poema rola com vagares de onda, eriçado de nódulos artrites só por mim identificados, não o olor grisalho do que vai perecer.
cortejo académico, alunos, convidados. as vozes.
sinto e penso,
antes de poder descobrir-me fingidor (pessoa),
a interrogação e o frémito do sagrado, um sagrado profano de véus por terra.
quem as enxertou na pedra, as vozes
(em cadência e arco, chuva, epifania),
no canto exprimiu o desvelado
e os veios semânticos em germinação, talvez apenas experiência do sensível, apelo, energia transmitente, fidelidade (sponville)?
súbito, o elevador do bom jesus, aqueles turistas franceses. a escadaria sob canícula e aura. lento entardecer, noite côncava. os membros do caum fazem--me 'associado honorário'
no palco ao ar livre o fernando lapa e mais amigos
fui tenor improvisado com o núcleo coral e parte da assistência: é no vento a nossa casa chão aberto a quem chegar.

e outras vozes
as que agora oiço, enlaçando revérberos.
sentado no salão medieval, finda a cerimónia de um doutoramento honoris causa. vozes de passagem, de um fulgor que será prosseguido por quantas ainda nem nasceram e já não escutarei. ou amarrotado, morto. por erosões perda esquecimento.
levanto-me na circunstância de um tributo pessoal, devo-o, desejo prestá-lo
(amor de mar e margem
na euforia de viver),
servo inútil (segundo lucas) fiz com ardósia achada o que devia ter feito. e trago comigo uma legenda do celan, sieben Rosen später rauscht der Brunnen, sete rosas mais tarde rumoreja a fonte (português do joão barrento). por isso entoam adiante entre paredes de brisa as sílabas colhidas: uma autoestrada braga--lisboa, conduzo e as notas do piano na cassete enunciam-lhes a nudez, quem as pôs no acaso do meu rumo minha runa escuna breve breve luna, quem?,

virá a mão que grava numa tábua do deserto
o que, aprendo hoje (largo do paço, remoinhos de gente, acomodação do rito), nunca escrevi.

e no entanto.

ao longo da praia do mar marulhante
houve os que afloraram a pele do caminheiro, agreste avena, frauta ruda (camões) num bolso dos jeans, chapéu e cigarro, timbre silente, how many roads must a man walk down / before you call him a man? (dylan),
ninguém: como a personagem do drama de garrett.
o coro volve ao princípio e, no princípio, vos abraço: fernando, António (durães), henrique (barreto nunes), no princípio: ao fundo da lonjura.
estamos então no theatro circo.
uma das tunas interpreta o tema
no instante augural
de pronto replicado. à saída trauteavam-no em festa pelas ruas, escuna breve, rumo conjugado no devir. mil asas numa asa
da canção a partilhar,
imagens escarpadas, ausência e imprecisão, volatilidade das palavras que são capelas imperfeitas flutuando na urgência vertigem do horizonte salino
por abrir.

e aí a textura musical sem uma ruga,
beleza e travessia, algoritmo,
seminalidade creio,
ela sim imprimirá
quanto transcende a mordida flor
do que vivemos.

quem apanhou a pedrícula o trevo destas rimas dispersas pelo asfalto, quem compôs no génio do músico o voo a transparência a intemporalização (pelo menos a sua aparência)?
hino da universidade do minho, acidente feliz, transborda do entalhador sentado

no salão medieval, doravante anónimo, inútil servo, apaga-o para que um *auctor* colectivo se revele
e perdure. siben Rosen später. no pretérito,
morada que me não pertenceu. num amanhã da geraçon que despois haverá (fernão lopes), aquém do oblívio, quinhoeira do nosso desassossego alvoroço em transumância.

(outubro.2016)

* * *

(Anos atrás, esta evocação. Recupero-a para que não fique em transe um outro dos alcantis da melodia.)

## Tudo, quase nada

Certo dia, o António Durães
Temos um projecto que precisa de ti.
Sentados no estúdio, minutos antes da emissão com poemas que poucos diriam. Em directo, quero lembrar, todo o erro arranhava o éter, rangia dentro de nós como uma ferida. E o que foram essas noites na Rádio!, um modo conjunto, rigor, inventiva. Textos, canções, fragmentos de música clássica, de Gesualdo ou Bach a Peteris Vasks, Górecki e Arvo Pärt. Lugar do múltiplo. Na estética, nas ideias.
A letra para uma peça coral, o António.
Explica lá isso melhor. E acendi o cigarro.
Fernando Lapa, que então dirigia o Coro Académico, pensava, não sei se reagindo a qualquer proposta das tunas, num memorial dos anos vividos na Universidade, ardor e leveza, página de contrastes, areia que revoa e permanece. Eu teria que colar umas quadras à estrutura melódica já concebida.

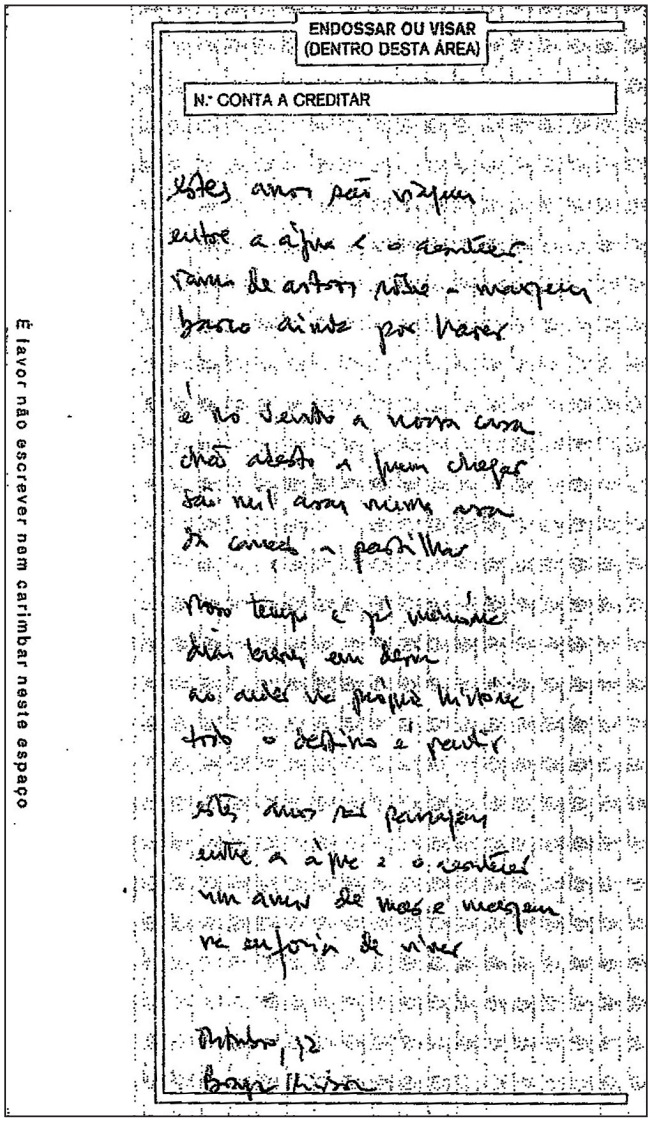
Então?
Vamos a isso.
Queres que te entale o esqueleto ao piano num cd?
E numa cassete áudio. Para o carro.
Que sabia do Fernando? Nada, ou seja, quase tudo. Lia-o no Público, concordava em geral e aprendia com ele. Apetecia-me na sua escrita um jeito raro de associar saber e comunicabilidade, informação e finura hermenêutica, desvendamento técnico e memória, sugestão, empatia. Somos também o que escrevemos. E a obra que nos diz. Aí tinha, por outro lado, o CAUM, rumoroso no crescer e dar-se, temas polifónicos, cancioneiro popular, Lopes-Graça, o meu amigo Graça, arranjos que traziam a matriz do sensível e da precisão, vozes cujos dons, decerto ainda por refulgir, se conjugavam numa matéria de seiva e espuma, cintilação, transcendência por vezes. Com a maior discrição, comprara discos onde trabalhos seus me impressionavam. Nada, portanto. Quase tudo.
Passaram três semanas sobre a primeira audição no gabinete do Ribeiro Pacheco, que saudades dele, tão súbito levado por um rio que não nomeio. Persistiam em mim opacidades, desalentos, uma espécie de "nuvem do não-saber", versão agnóstica. O pau de vedor sondando a terra da procura e os veios ausentes, ausentes os versos.
António
e ele, prevendo borrasca no meu tom
Saiu-te um soneto fora de medida.
A meio da tarde vou para sul. Ponho a cassete e não a tiro enquanto não chegar ao destino.
A Lisboa, queres tu dizer.
Não, à poesia.
Aqui o revejo no caderno reaberto. Um cheque, não levava comigo outro papel. Era de linho a toalha, um esmero o restaurante. Remexi os bolsos, nenhuma factura, nenhum cartão com apontamentos e rabiscos. E a urgência. Vi o cheque, preenchi-o nas costas. Sem emendas, vertigem de trovoada na minha cidade branca e claridade. Quatro horas, pauta de trigo deitada no asfalto, os sons a transformarem-se numa energia, verbo e emoção. Ao aparcar, da síncrese inicial nasciam vénulas a caminho do delta que faltava. Ditei-os minutos depois.

E como tal ficaram na composição que é hoje o Hino da Universidade do Minho, nunca o escutarei sem um arrepio como o que mora nos dias do levante. Igual ao do serão entre escadarias do Bom Jesus, só eu sei porquê, o Coro a distinguir o poeta, o Fernando a pôr-me nas mãos uma placa que conservo no pecúlio das dilecções maiores.

Ao longo da década entretanto passada, consolidámos o afecto dessa raiz, trocámos novas e luas, luas e novas ao sabor do imprevisto, nas estações que o calendário entumece de sortilégios. Espero os discos, as meditações partilhadas numa narrativa imaterial e densa, os seus lugares de criatividade, instinto e oficina, fulgor para nosso comprazimento, magia de reflorir ainda na aridez e na pobreza, sombra atrás de sombra, diante dos olhos que olham os escombros.

António, tu dirás aquilo que falta. Uma canção, quem sabe, com esse teu pendor para desconcertar o estabelecido e ir colher a luz que na escuridão se oculta. Ao invés da elegia?

(Porta de inverno, 2009)



ENDOSSAR OU VISAR
(DENTRO DESTA ÁREA)

N.º CONTA A CREDITAR

É favor não escrever nem carimbar neste espaço

**"estes anos são viagem"**

estes anos são viagem
entre a água e o acontecer
ramo de astros sobre a margem
barco ainda por haver

é no vento a nossa casa
chão aberto a quem chegar
são mil asas numa asa
da canção a partilhar

novo tempo e já memória
dias breves em devir
ao arder na própria história
todo o destino é partir

estes anos são passagem
entre a água e o acontecer
um amor de mar e margem
na euforia de viver

*josé manuel mendes*